
Figueira, R. (2019). *O efeito Marcelo. O comentário político na televisão*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. (100 páginas)

Carla Martins

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/3836>

DOI: 10.4000/cp.3836

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Carla Martins, « Figueira, R. (2019). *O efeito Marcelo. O comentário político na televisão*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. (100 páginas) », *Comunicação Pública* [Online], Vol.14 nº 26 | 2019, posto online no dia 28 junho 2019, consultado o 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/3836> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.3836>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Figueira, R. (2019). *O efeito Marcelo. O comentário político na televisão*.
Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. (100 páginas)

Carla Martins

REFERÊNCIA

Figueira, R. (2019). *O efeito Marcelo. O comentário político na televisão*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 100 páginas

NOTA DO EDITOR

Recebido: 24 de abril de 2019

Aceite para publicação: 30 de abril de 2019

- 1 *O efeito Marcelo. O comentário político na televisão*, de Rita Figueiras, foi publicado no início de 2019 na coleção Retratos da Fundação Francisco Manuel dos Santos. A autora é uma profunda conhecedora do universo dos protagonistas e dos espaços de opinião nos média nacionais, temática a que dedicou já várias investigações académicas. Trata-se, portanto, de mais um contributo da professora universitária sobre quem são as personalidades que comentam de modo regular nos meios de comunicação e as características dos programas em que participam.
- 2 Apesar de ser uma obra destinada ao público em geral, logo, escrita num registo menos académico, pressente-se o fundamento teórico e conceptual, o conhecimento histórico e a sistematização empírica. Rita Figueiras propõe uma reflexão atual e inquietante e provoca o pensamento sobre os topos de poder na contemporaneidade

hipermediatizada, na qual as plataformas digitais se tornaram hegemônicas. Ao mesmo tempo, traça um panorama exato e longitudinal dos comentadores no contexto específico de evolução do sistema mediático nacional, com o surgimento dos canais de cabo e a erosão do domínio da televisão generalista. A obra é enriquecida com entrevistas a jornalistas da área política, diretores e comentadores, cujas opiniões, a partir de dentro, trazem uma luz acrescida sobre as lógicas e as fórmulas reais que presidem ao funcionamento da máquina de comentário político televisivo e as perplexidades que geram.

- 3 Antes de mais, porquê o "efeito Marcelo", advogado no título? O agora Presidente da República iniciou-se no comentário televisivo em 2000 na TVI e concluiu esta forma de intervenção em outubro de 2015, na mesma estação televisiva, quando anunciou a sua candidatura presidencial. Foi Marcelo Rebelo de Sousa quem inaugurou este formato de comentário na televisão portuguesa, um "novo molde", lembra Rita Figueiras, explicando logo na introdução que "Marcelo desenvolveu uma nova forma de fazer comentário. Com uma linguagem acessível a quase todos, democratizou o acesso à opinião esclarecida e massificou um produto de nicho, até então consumido apenas pela elite nacional. Com um discurso pedagógico e simples - simplista e nem sempre exato, segundo vozes críticas -, conseguiu comunicar com os mais variados auditórios e ser relevante para todos eles. Marcelo introduziu também uma componente de entretenimento no seu comentário" (p. 8).
- 4 O formato foi sendo adaptado às suas características e "o professor", como era tratado pelos *pivots* e conhecido pelo público, passou a versar sobre diferentes temas, tornando-se um exímio "tudólogo", expressão que veio a fazer escola na orientação dos comentadores que convertem os seus espaços numa espécie de minimagazines semanais, pontuando os principais acontecimentos da semana e o seu significado. A autora sublinha ainda a capacidade de influência de Marcelo, afetando tanto o sistema político como o mediático e reforçando o poder de agendamento da TVI naquelas esferas. "O 'efeito Marcelo' é evidente e ajuda a compreender as razões pelas quais o comentário político se tornou uma componente estruturante das emissões televisivas e os espaços individuais de opinião se converteram no seu formato dominante" (p. 9).
- 5 A autora recorre a um conceito fluido de político, que essencialmente se deixa definir pelo estatuto do comentador, vinculado a uma área, família ou organização política, mesmo que não ocupando um cargo formal de poder. O mais normal será que a expectativa de uma intervenção isenta seja defraudada, porque, seguindo a perspetiva de um dos entrevistados, "não há nenhuma neutralidade axiológica na forma como se olha para a realidade política" (p. 19). E a dimensão de poder é crucial, enfim, para perceber a particularidade destes espaços simbólicos, em que os comentadores se posicionam no debate público como atores com capacidade de influenciar os assuntos que estão em agenda.
- 6 Perscrutando a evolução do comentário político na televisão portuguesa, Rita Figueiras salienta a sua ampliação desde o ano 2000. "Tanto nos canais generalistas como por cabo houve, ao longo dos anos, um investimento nos comentadores: dois no ano 2000, face aos 61 em 2017" (p. 61). No quadro deste alargamento, a investigadora reflete sobre as simbioses entre os campos político e mediático, os interesses que os responsáveis de cada um têm em vista na aposta nestes formatos. Os média televisivos focam-se em prender a atenção das audiências e em reforçar o seu estatuto de referência. Com a visibilidade mediática os comentadores procuram aumentar o seu capital simbólico,

afirmar-se nos circuitos de poder, prosseguir a sua própria agenda ou a dos partidos a que dão voz.

- 7 Os comentadores mais disputados credibilizam o meio de comunicação social e os média de referência legitimam os comentadores, numa espiral de credibilização mútua. A professora sublinha que o espaço de opinião "é um lugar de poder que confere e/ou reforça o estatuto de quem nele participa, e o impacto dos comentários deve ser perspetivado em articulação com a projeção social do meio com o qual os comentadores colaboram" (p. 14).
- 8 Os comentadores são ativos importantes, mas a sua presença conduz a questionamentos sobre, por exemplo, o investimento nestas figuras se substituir ao que poderia ser feito nas redações, em profissionais e trabalhos jornalísticos. Por outro lado, assentando estes programas numa estrutura dialógica, qual o papel reservado ao jornalista que conduz os programas individuais ou de debate? Opera como mestre de cerimónias, sem escrutínio do comentador, em sacrifício daquele que é percebido como o seu papel? Esta atuação do jornalista é ambígua e não reúne consenso.
- 9 Não há, neste caso, respostas lineares. Se é certo que a maioria dos comentadores tem ligações à política, a ligação à área do jornalismo surge em segundo lugar. "Podemos dizer que os políticos e os jornalistas são claramente os perfis que dominam o comentário televisivo em Portugal" (p. 63). Comentadores jornalistas integram estratégias de autopromoção do meio ou grupo de comunicação e dos seus jornalistas.
- 10 Estas interrogações são tanto mais relevantes quanto se tem noção de que o comentário é fundamental para uma carreira política. Rita Figueiras nota que este tipo de formato "favorece os políticos com uma consciência mediática e que usam o comentário como uma ferramenta estratégica para alcançarem audiências, construírem a sua imagem pública e destacarem-se no cenário político-mediático" (pp. 56-57). São personalidades que acumulam experiência nos meios de comunicação, alguns circulando confortavelmente entre diferentes média, incluindo, mais recentemente, a presença ativa nas redes sociais. Além disso, o comentário "também ajuda os partidos políticos, ou determinadas fações específicas dentro dos partidos, a legitimar o seu discurso na esfera pública, a definir tópicos nos meios de comunicação e a moldar a perceção popular sobre questões políticas" (p. 57).
- 11 Com base nos dados empíricos, a autora deixa sinais de alerta. A expansão do espaço de opinião nos canais televisivos nacionais não se traduz necessariamente num reforço da diversidade e do pluralismo. Ao invés, e ressoando a análise de Bourdieu sobre os efeitos de estratégias comerciais e concorrenciais, verifica-se a tendência para o mimetismo e a homogeneidade da oferta de programas e de perfis de comentadores.
- 12 Apesar desta abundância do comentário político, em si mesma pouco consensual, Rita Figueiras chama ainda a atenção para grupos e áreas mais invisibilizados e excluídos, a começar pelas mulheres. "Entre 2000 e 2017 passaram pelo comentário político nas televisões portuguesas 273 comentadores: 224 homens (82%) e 49 mulheres (18%). Significa que se trata de um setor marcadamente masculino" (p. 66). Por outro lado, é o próprio espectro político, na sua diversidade, que surge debilmente representado no espaço de comentário. Privilegia-se os "partidos do poder" (PS e PSD), ainda que mais recentemente as televisões tendam a dar mais espaço a protagonistas de formações mais distantes do "bloco central". A televisão generalista, que continua a alcançar mais telespectadores, apresenta um menor leque de opiniões do que o cabo. E a CDU, juntamente com grupos políticos sem assento parlamentar, permanece sub-

representada. Não obstante este cenário, é correto destacar que a televisão pública se distingue pela maior diversidade de perfis dos comentadores ou das zonas políticas que veiculam.

- 13 Nas notas finais, Rita Figueiras explora algumas tendências mais recentes do comentário político, como a integração das opiniões dos cidadãos, possibilitada pelos média sociais, ou a aferição do impacto dos comentadores através das métricas das plataformas digitais. A professora adverte ainda para a crescente superfluidade do comentário político, mais leve, apelativo, menos substantivo e argumentativo, mais permeável a apreensões e humores imediatistas. Conclui que "este novo mundo está a abrir um conjunto infinito de possibilidades para o jornalismo, a política e o comentário, ainda que nem todas elas tranquilizadoras para as sociedades democráticas" (p. 92).

AUTORES

CARLA MARTINS

ERC e ICNOVA